

*Mariano Pina*

# O Espectro

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

De acetato de morphina, um grã  
n'uma vasilha perde-se, ninguem o sente,  
n'uma chavena dá o vomito, n'uma  
colher mata — e aqui está, o pamphleto!

N.º 1

Sabbado 3 de Maio

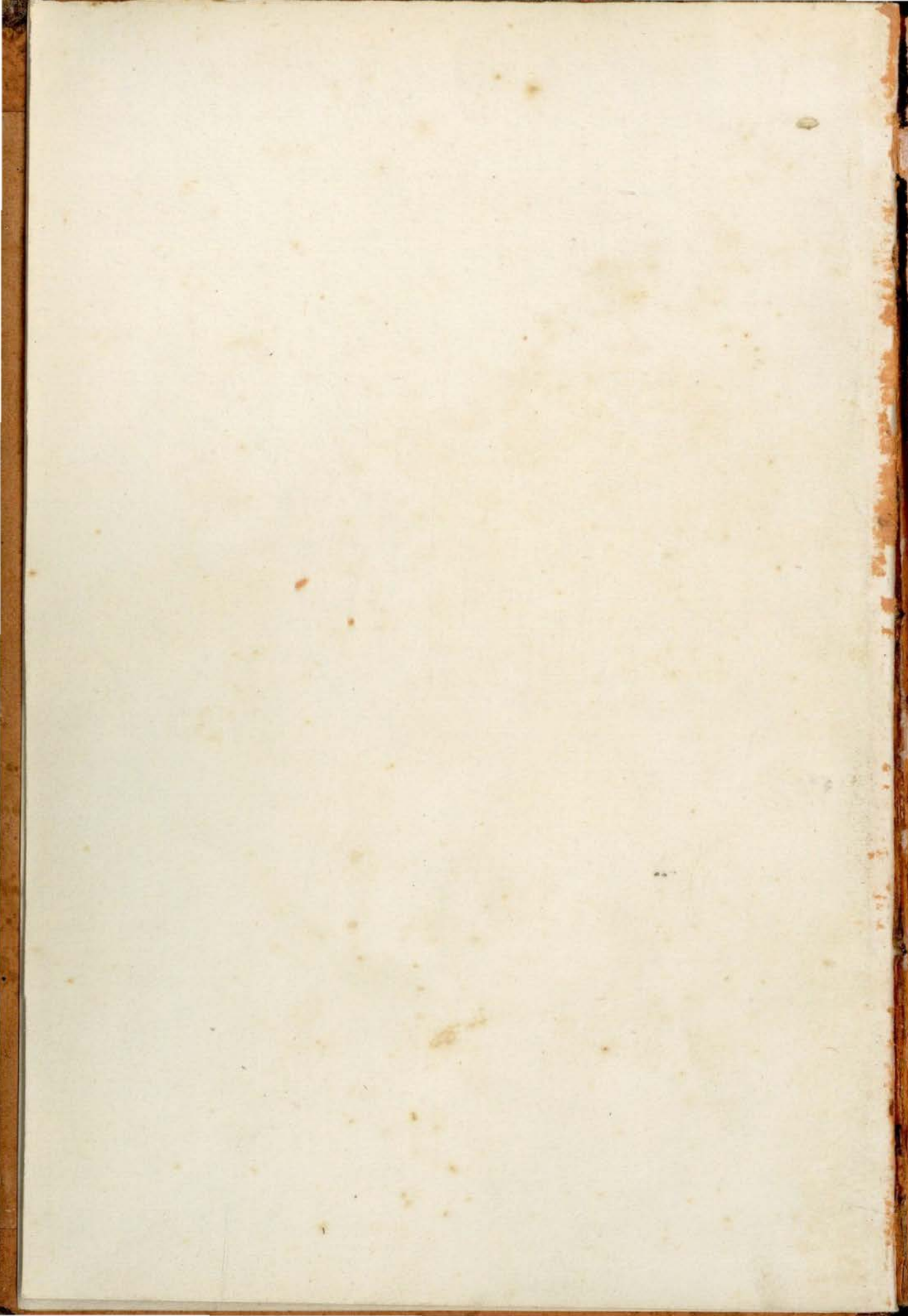
N.º 14

Sabbado 2 de Agosto

*Paris, 1890*

Preço 50 reis







# O ESPECTRO

- POR

MARIANO PINA

---

Vejo muita nuvem negra  
Que tempestade annuncia:  
Ponha-se o Throno de capa,  
Que já o vento assobia . . .

*Correio da Manhã*, director M. Pinheiro Chagas. (12 de fevereiro de 89.)

E o Throno e o Governo, apavorados com as *nuvens negras* que o sr. Pinheiro Chagas já enxergava ha um anno no bem conhecido «horisonte politico», trataram de seguir os sabios conselhos de S. Ex.<sup>ca</sup> — e pozeram-se de capa . . .

Mas de que modo? . . . Estrangulando a Liberdade! . . .

E como a Liberdade n'um Estado livre — até mesmo n'essa coisa a que se chama o Estado livre do Congo — se manifesta pela palavra fallada e pela palavra escripta, o governo do sr. Serpa, para melhor *se pôr de capa*, mandou que a partir do dia 8



de abril de 90 nenhum portuguez fallasse e nenhum portuguez escrevesse—a não ser para cantar lôas ao actual ministerio.

Será bom dizer que este sr. Serpa a quem alludo, nunca foi chefe de policia do czar, nem carrasco honorario do rei de Dahomé—o que podia servir-lhe agora de circumstancia attenuante.

É S. Ex.<sup>a</sup> apenas—hoje mascarado de tyranno—o mesmo sr. *Antonio de Serpa* que, em 1850, com Herculano, Garrett, Casal Ribeiro, Latino Coelho, José Estevão, Rebello da Silva, Sampaio e outros illustres liberaes, protestava contra uma lei tão absolutista, arrogante e insolente, como é a actual.

Quem diria ao vê-lo tão bem mascarado de *victima* em 50, que o haviam de vêr em 90 tão bem caracterizado d'*algoz*?...

Que dirá a estas horas com os seus botões de ouro na sua casaca azul, o sr. Casal Ribeiro?...

Oh! o comediante!...

\*  
\* \* \*

A Liberdade é hoje o espectro do Throno e do sr. Serpa... E como o governo tem a peito supprimir os espectros que ponham o paiz em desaccordo com as opiniões (?) e as ideias (??) dos ministros—vamos dar-lhe todos os sabbados um **Espectro**... apesar do desgosto que semelhante resolução irá causar a este diabo feito frade, mais burocraticamente conhecido pelo nome de conselheiro Arroyo—o conselheiro Arrôcho da situação!

Porque o lado comico da lei contra a imprensa,



é vèl-a assignada pelo ex-orpheonista e ex-republicano João Arroyo—o mesmo loiro mancebo que em 81, em Madrid, representando a academia de Coimbra no centenario de Calderon de la Barca, conjunctamente com Eduardo d'Abreu e Ramos, berrava contra os jornalistas portuguezes que haviam saudado com a bandeira azul e branca S. M. Affonso XII, rei de Hespanha.

Como os tempos mudam, ou antes, como os homens mudam em pouco tempo!

Ha nove annos, João Arroyo, famoso pela sua eloquencia democratica, collaborador republicano da *Folha Nova*, futuro cortador de cabeças coroadas, organisador de orpheons, philarmonicas e outros *sol-e-dós* coimbrões—descia a meu lado pela Castellana, encorporado no cortejo civico em honra de Calderon. E vendo Emilio Castelar a uma janella, desentranhava-se em berros como um possesso, e em gestos como um epileptico, dando vivas a Castelar—porque lhe não era permittido pela policia madrilená dar vivas á Republica!

Quando o cortejo civivo desfilou em frente do palacio do Oriente, Affonso XII e a sua côrte estavam ao balcão. Os jornalistas estrangeiros, que empunhavam as bandeiras dos seus respectivos paizes, praticaram um acto de cortezia, saudando com essas bandeiras o monarcha hespanhol.

E João Arroyo, á noite, nos cafés de Madrid, berrando e gesticulando, condemnava diante dos republicanos hespanhoes, com grande abundancia de *nomes feios*, o bom e mallogrado Eduardo Coelho e outros jornalistas, por um acto de pura delicadeza, por terem saudado com a nossa bandeira o Chefe do Estado em cujo paiz eramos recebidos.





Nove annos são passados. E Arroyo, o loiro republicano de 81 — que tambem era apostolo da mesma *federação academica peninsular* que hoje condemna por intermedio das suas folhas... — é hoje *conselheiro*, o que não é crime, e *ministro d'um rei*, o que não é vergonha.

Mas o que é... extraordinario, é vêr um rapaz que ao nosso lado andou prégando Republica, que se soube aproveitar da ingenuidade popular e da podridão politica que por ahi lavra, para ser successivamente Deputado e Ministro, vir dizer no dia 8 de abril de 90 ao seu paiz:

— «Fica sabendo que te retiro a liberdade de fallar e de escrever. Não me convém que tenhas ideias, e ainda menos que as dês á luz... Quem manda sou eu! E como disponho da policia, da guarda-municipal e das cadeias, é obedecer e calar! Senão... enxovia te valha!...»

E a imprensa tem de obedecer e de se calar?...  
Alto lá, menino Arroyo!



Alto lá!...

Podem o sr. Arroyo, mais o sr. Hintze, mais o sr. Lopo, dispôr da policia e outros animaes malfazejos, das cadeias e outras latrinas do Estado; podem conservar-se em dictadura o tempo que quize-



rem; póde um parlamento, cuja maioria é a expressão, não da soberania, mas da batota nacional, dar-lhe quantos votos de confiança quizer, porque para esses fedorentos misteres é que ella foi feita maioria por obra e graça de Hintze, de Lopo e de Arroyo; podem esses patuscos inventar quantas arbitrariedades quizerem — que nunca se lhes ha de obedecer! que nunca ficaremos calados!

Que figurões! Chegarem a pensar por um momento que podiam mandar fazer com as nossas liberdades — capachos e escarradores para os seus ministerios!

Ora os pandegos!...

\* \* \*

Então porque tres estadistas — dos que se encontram em todos os bazares politicos da Europa a tres por um vintem — querem merecer á' confiança do Rei á força de lhe *injectarem* sustos (systema Urbino de Freitas) com o espectro da Republica, esses tres inquisidores de papelão e gêsso hão de vir insultar-nos, escarrar-nos na face uma lei propria para gatunos e rufiões, — porque passamos o nosso tempo sonhando Liberdades, e pedindo aos governantes mais Justiça e menos Corrupção?...

Alto lá!... que não se supprime assim, por uma phantasia inquisitorial do sr. Lopo, por um falso principio de auctoridade do sr. Hintze, pelo remorso do sr. Arroyo de ter sido republicano; — que não se supprime assim o unico patrimonio moral que nos deixaram nossos avós, e pelo que se bateram ao lado de D. Pedro iv...



Deus do ceu! Que será de nós, que já somos tão miseráveis, graças aos famosos tratados que os avós do sr. D. Carlos I celebraram com os inglezes, — que será de nós, quando o governo nos espoliar d'esta derradeira fortuna que consiste em uma pessoa dizer o que pensa, em familia — á familia portugueza?!...

E uma pessoa dizer o que pensa sobre o modo como são dirigidos os negocios do seu paiz, é por acaso uma offensa ao Rei?...

Que quiz então dizer o visconde d'Almeida Garrett a pag. 132 do seu livro *Da educação*:

— «Um Rei de Portugal está na posse de ouvir a verdade, e os portuguezes de lh'a fallarmos»? —

E se o paiz protesta energicamente contra as leis de 8 d'abril, não faz mais do que seguir á risca a maxima do sr. Pinheiro Chagas, conselheiro d'Estado e jornalista do governo, e que se lê a pag. 151 da sua *Historia alegre de Portugal*:

— «Um povo é como uma pessoa — quando o querem pisar aos pés, defende-se com unhas e dentes!»

Ora o gabinete em dictadura, o que quer dizer — *em pleno abuso da força armada* — resolveu pisar aos pés todo o jornalista que não lêsse pelos evangelhos da *Gazeta de Portugal* e do *Diario Illustrado*.

E eu jornalista, em nome da Liberdade e da Justiça, sentindo-me espesinhado por essa lei e pelo ar fanfarrão com que o ministerio m'a impõe, venho hoje para o campo de batalha por conselho do sr. Pinheiro Chagas — para me defender *com unhas e dentes* contra o insulto recebido!



\* \* \*

Se, para defender a liberdade de pensamento, d'imprensa e de reunião, todas as liberdades que distinguem o Homem da Bêsta, é preciso que os portuguezes entrem hoje em guerra contra as instituições vigentes — aqui estou prompto a declarar-me *republicano!*

Porque nunca reconhecerei a uma monarchia, por mais constitucional que finja ser, o direito de pôr uma corrente ao pé da Liberdade, e de lhe dizer:

— «Pódes ir até acolá, mas mais além não pódes ir!»

Esse direito concedo-lh'o, para que essa Monarchia o empregue com os seus papagaios.

Com a Liberdade é que não!

\* \* \*

Se hoje no meu paiz o ser-se *liberal* passou a ser um perigo e um crime, e a palavra a ser synonymo de *republicano*, isto é, de adversario da Monarchia — sinto devéras causar esta arrelia a Dona Monarchia, mas estarei sempre com os Republicanos pela defeza das liberdades patrias!

Portugal dividiu-se agora — graças á esperteza politica do sr. Lopo Vaz — em dois grupos distinctos, inconfundiveis: d'um lado os *amigos* da Liberdade; do outro os seus *inimigos*.



Que Sua Magestade lh'ò agradeça!...

Com os *amigos* da Liberdade está todo o paiz — toda a nação que pensa, que trabalha, que soffre... que soffre com as miserias internas e com os insultos que recebeu do inglez!

Com os *inimigos* está a maioria parlamentar eleita á força da pressão official, das transferencias, das demissões, das promessas d'empregos e de negocios, de toda essa onda de corrupção e fézes electoraes, que não se póde descrever para não termos que vomitar!

Com os *inimigos* está ainda a policia de chanfallo em punho, e mais o terror das prisões abertas, onde os herejes e os infieis serão entregues pelo sr. Lopo á vingança dos persevejos e das pulgas, que os malandros por lá deixaram...

N'estas circumstancias a victoria é facil de prevêêr — a victoria é certa. É uma questão de tempo. É o sr. Pinheiro Chagas, vestido d'anjo d'exterminio, quem vae á frente das nossas tropas, dando-nos coragem, incitando-nos ao combate, cantando-nos aos ouvidos, com a sua crystallina voz de primeiro tenor de S. Bento:

— *Eia! sus! meus rapazes! Um povo é como uma pessoa. Quando o querem pisar aos pés, defende-se com unhas e dentes!*...

E as tropas assim incitadas, vão correndo, vão correndo, entoando a *Marselheza*...

Obrigado, mestre, obrigado!...



\* \* \*

Imaginar que o systema monarchico-constitucional, que desde o reinado de D. Maria II rege a nação portugueza, é um systema perfeito, infallivel, *definitivo*, sob o ponto de vista da Justiça e da Liberdade, sem necessitar toques e retoques, conservando-se indefinidamente no *statu quo*—é um absurdo, é um erro, é mais do que um erro... é um perigo, tanto para o systema em si, como para a nação que o soffre.

De nossos dias, os *pares electivos* e a representação das *minorias*, innovações liberaes que ninguem ousaria sonhar em 1826, são a prova de que o systema tem fatalmente de se modificar, de se transformar—de *progredir*.

Estas modificações nunca foram feitas, nem nunca se fazem, nem por vontade e livre arbitrio do Rei, nem dos governos.

Fazem-se por imposição da Nação. E o Rei e os governos submettem-se á vontade do Povo.

É talvez duro de ouvir—mas é a verdade!

Uma Constituição é como um casaco que o Povo diz ao real Algibebe que faça mais justo, mais largo, mais curto ou mais comprido, de fazenda azul e branca ou de fazenda encarnada, conforme o Povo acha mais ao seu gosto—porque é o Povo quem paga!

Já alguém viu algum alfaiate impôr ao freguez um casaco que o freguez não póde vestir, ou por apertado, ou por muito largo?...

Assim é com as Constituições.



\* \*  
\* \*

O systema de relojoaria politica que satisfez plenamente ao ideal e ás necessidades da geração que foi governada pelo sr. D. Luiz 1, já não satisfaz á geração que vae ser governada pelo sr. D. Carlos 1 — que é uma nova geração que aprendeu por outros livros (pelos que não são approvados pelo Conselho Superior d'Instrucção publica) — que desde a mocidade anda agitada por outros ideaes, — e que hoje vê com uma nitidez perfeita quantos erros, quantas imperfeições, quantos defeitos, quantos vicios borbulham na pelle do actual regimen monarchico-representativo.

O Estado tem o monopolio da Instrucção, e nós não queremos que os nossos filhos supportem a odiosa e imbecil educação que o Estado nos deu.

O Estado tem o monopolio da Justiça que é o regulador das liberdades cívicas, e nós não queremos viver sob o regimen odioso e inquisitorial do *Codigo Penal* de 84, obra-prima do sr. Lopo Vaz, doutor em repressão, que ainda nas mais puras liberdades, como a de consciencia, nos fórça a acatar, sob pena de prisão, tudo quanto o Vaticano nos disser que acatemos!

O Estado tem o monopolio dos negocios do Ultramar e nós, que temos economistas e africanistas illustres, não queremos vêr o respectivo ministerio servir apenas de escóla de dança politica, ou de ama secca de futuros bébés-estadistas.

O Estado tem o monopolio de todos os trabalhos



materiaes de que o paiz carece, para o desenvolvimento da sua agricultura, da sua industria, do seu commercio e da sua navegação, e nós queremos uma justa descentralisação d'esses serviços, para que elles se não transformem, nas mãos d'um ministro sem escrupulos, em instrumento odioso da mais odiosa e indecente pressão eleitoral.

O Estado tem o monopolio de todos os empregos, e nós queremos que uma parte d'esse perigoso e immoralissimo monopolio se transforme em exercicio natural e em livre escolha dos municipios e das provincias, para que a intriga e a corrupção diminuam; para que as outras cidades do reino, além de Lisboa e Porto, tambem acordem para a vida politica, e tambem tenham o direito de erguer a voz e fazer justiça!

\*  
\* \*

Queremos hoje o que a nossa intelligencia e a nossa consciencia—acordadas por questões sociaes que não agitaram o reinado do sr. D. Luiz ou que pelos seus governos não foram comprehendidas—reclamam a cada instante.

Queremos Justiça, porque hoje só ha traficancias; e uma Liberdade sem ficções nem hypocrisias, como a sentimos e a ambicionamos.

Queremos *outra coisa*, o que me não parece ser um crime, attendendo a que o sr. D. Carlos I está hoje no throno e não no exilio (como está o sr. D. Miguel de Bragança)—porque seu avô D. Pedro IV e os homens do seu tempo tambem quize-



ram e exigiram *outra coisa* que D. Miguel lhes não dava.

Ora se o actual governo monarchico entende que não; se entende que nos ha de obrigar ao *statu quo* e mais aos velhos processos *fontistas*, e a aturar o sr. Lopo Vaz, e mais o sr. Hintze, e mais o sr. Arroyo,—politicos em desaccordo e em guerra aberta com os sentimentos politicos de nós todos—então tenha paciencia a Senhora Monarchia, que o Paiz cá vae devagarinho, mas direitinho, para a Republica!

Lisboa já deu o signal de combate.

E o mau (para a Monarchia) é o Paiz ter fé em que só a Republica o póde salvar, porque passa a consideral-a como anjo providencial que Deus lhe envia do ceu, em manhã de nevoeiro...

\* \* \*

Porque nós em politica temos sido sempre *sebastianistas*!

Metteu-se na cabeça do povo portuguez, durante os horrores da dominação hespanhola, que D. Sebastião havia de vir, para nos dar paz, fortuna e liberdade. E formou-se a legião dos *sebastianistas* que lavrou por todo o paiz. Infelizmente D. Sebastião estava morto e bem morto.

Metteu-se na cabeça do povo que D. Pedro, apesar de imperador do Brazil, havia de vir, para nos dar paz, fortuna e liberdade. Formou-se a legião dos *liberaes*; e d'esta vez, como D. Pedro estivesse são como um pêro, D. Pedro veio—e triumphou!



Agora mette-se na cabeça do povo a ideia da Republica. Forma-se a legião dos *republicanos*. E como a Republica não é coisa que dependa da vida ou da morte de um homem—e é esta a sua força—se o povo quizer Republica, hoje, amanhã, d'aqui a um anno ou d'aqui a um *Seculo*—a Republica tambem ha de triumphar!

\*  
\* \*

E quem foi que a chamou cá?... Quem foi que se lembrou de agitar em Portugal a questão da melhor fórma de governo? Fui eu?... Foste tu, leitor amigo?...

Nem fui eu, que apenas pensava nas minhas litteratices.

Nem tu, Industrial, que apenas pensavas no desenvolvimento das tuas fabricas.

Nem tu, Negociante, que apenas pensavas no teu commercio.

Nem tu, Lavrador, que apenas pensavas no amanho das tuas terras.

Nem tu, Artista, que apenas pensavas nos teus quadros, esculpturas e theatros.

Nem tu, Operario, que apenas pensavas no teu trabalho quotidiano.

Nem tu, Estudante, que apenas pensavas nos teus amores, nos teus prazeres e nos teus livros.

Não foi nenhum de nós, filhos da livre e sempre livre nação portugueza.

Foram unicamente, simplesmente, por esperteza de velhos cabulas e velhos inquisidores sem traba-



lho, os srs. Lopo Vaz, Hintze e Arroyo — no dia em que o poder lhes subiu á cabeça; no dia em que vestiram as fardas doiradas, e se miraram ao espelho, e fizeram tilintar o espadim, e se acharam formosos e irresistiveis, e se abraçaram, e se beijocaram na ante-camara real, exclamando em côro, rubros de vaidade e de farofia:

— «Temol-**o** finalmente nas unhas!»

Este **o** queria dizer: o povo, o paiz, Portugal inteiro.

E para não serem incommodados nas suas vaidades e dôce gozo do poder, resolveram amordaçar a Imprensa no dia 8 de abril de 90.

Amordaçal-a, ou contêl-a em respeito com o espectro da cadeia — tudo vem a ser mordança!

\*  
\* \*

No dia em que julgaram que a *arte de governar* consiste: — em meia duzia de berradores de S. Bento (que subiram ao poder á força de uivos, guinchos e carteiras partidas) poderem tratar um paiz livre em paiz conquistado, poderem tratar *portuguezes* como no Egypto se tratam *fellahs* — a chicote; n'esse dia todo o paiz comprehendeu que lhe queriam extrahir alguma coisa mais do que a pelle, com impostos:

Que lhe queriam arrancar este dom de pensar e dizer o que pensa, que é o que ainda hoje separa e distingue o Homem da Bêsta — com perdão de quem me ouve.

E como já não estamos em sufficiente estado de



embrutecimento jesuitico para voltarmos a ser *sebastianistas*;

E como na familia de Bragança já não ha irmão que pugne pelo *absolutismo* e irmão que se bata pela *liberdade*—o que é uma felicidade, para não cahirmos de novo nos horrores d'uma guerra civil como a de 30—o Povo achou mais simples e mais ajuizado, *emquanto as coisas não mudam*, ir queimando velas pela Republica!

\* \* \*

Aqui teem Sua Magestade e mais os srs. Ministros, em poucas palavras, sem rancores, sem odios, sem *nomes feios*, e até sem estylo, mas com a independencia que não dará fortuna mas que dá prazer á consciencia—o estado da questão portugueza, os effeitos palpaveis e immediatos da famosa *lei das rolhas*.

Que Sua Magestade premeie, por tão relevantes serviços prestados á sua causa, o sr. Lopo Vaz e mais socios...

Que o Povo cá vae, em silencio, accendendo velas!

\* \* \*

E no proximo sabbado continuaremos, com a ajuda do ministerio e do leitor, a dar a esta sanfona—se ella não cahir em desagrado a este bondoso governo que Deus guarde, por muitos annos e bons.



O diabo da penna está-me a pedir que escreva —  
«que Deus guarde por poucos annos e maus!»

Mas não são precisos taes excessos de linguagem.

Para que serve atormentar mais o Senhor Poder  
executivo, se n'esta lucta com o paiz, ou elle tem  
de torcer — ou elle tem de quebrar?!

No caso de quebradura, para lhe metter as tripas  
para dentro, sempre lhe quero dar um bom conse-  
lho:

Não chame o dr. Urbino.

Ouviu?...

*Mariano Pina.*



